

FACULDADES INTEGRADAS RIO BRANCO

Projeto de Iniciação Científica

O PODER MIDIÁTICO NO PERÍODO DA GUERRA FRIA NA AMÉRICA
LATINA

Uma análise sobre a influência de políticas norte americanas na mídia Chilena
e Brasileira.

FERNANDA DURAZZO OLIVEIRA

SÃO PAULO – SP

2016

FERNANDA DURAZZO OLIVEIRA

O PODER MUDIÁTICO NO PERÍODO DA GUERRA FRIA NA AMÉRICA
LATINA

Uma análise sobre a influência de políticas norte americanas na mídia Chilena
e Brasileira.

Projeto de iniciação científica realizado nas
Faculdades Integradas Rio Branco acerca do
poder midiático no período da guerra fria na
América Latina.

Orientador: Prof. Dr. Luís Antonio Vital Gabriel

SÃO PAULO – SP

2016

RESUMO

O presente trabalho de pesquisa investiga o papel da mídia durante a ditadura militar chilena e brasileira influenciada pela política norte-americana. Este projeto busca manter o debate sobre quais foram os interesses dos Estados Unidos na região, e qual o papel da mídia na sociedade, que utilizou de recursos como o cinema e o jornalismo para ganhar a opinião pública.

INTRODUÇÃO

A ditadura militar chilena e brasileira foram marcadas por torturas, sequestros e assassinatos para aqueles que atentavam contra a ordem imposta. Do período de 1964, ano que se instaurou o regime no Brasil com um golpe de Estado depondo o então presidente João Goulart, até o seu fim em 1985, foram dois mil mortos e trezentos desaparecidos para aqueles que se opunham ao regime. No Chile, também com um golpe de Estado, o então presidente Salvador Allende Gossens, foi morto quando bombardearam o Palácio de La Moneda, em 1973. Quarenta mil mortos e três mil e trezentos e vinte e cinco desaparecidos a mando de Augusto Pinochet até 1991.

Neste período, o mundo estava marcado pela Guerra Fria, onde haviam dois pólos ideológicos. De um lado os Estados Unidos, democrático e liberal e do outro, a União Soviética socialista. O interesse dos Estados Unidos na região sul-americana se deu pela possível influência que a União Soviética exerceria na região, e por consequência, a proximidade do inimigo às suas fronteiras. Preocupação agravada quando da revolução cubana em 1959, visto que os países latino-americanos, na condição de periferia do mundo, os intelectuais desta região viam no sistema socialista uma saída para a crise econômica dos seus países. Os Estados Unidos, portanto, financiaram os países latino-americanos para a construção de um país progressista, através da operação Condor. Criada em 1970, entre os países com os mesmos objetivos políticos, a operação era uma extensão das políticas internas, era um projeto além das suas fronteiras com intuito de manter a ordem, projeto financiado pelo governo norte-americano, realizaram torturas, assassinatos e desaparecimentos dos opositores dos regimes militares instaurados nos países: Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Paraguai e Uruguai.

Países estes que, se espelharam em políticas americanas de segurança

nacional para combater o inimigo interno, se apropriaram de elementos da política macarthista que influenciou de modo substancial a condução das políticas brasileiras e chilenas e passaram a usar as respectivas mídias nacionais para ganharem a opinião pública e manterem seus interesses ideológicos e, principalmente, a permanência do Regime Militar no poder.

OBJETIVOS

O objetivo principal é investigar como foi dada a interferência dos Estados Unidos nos países latino-americanos durante o Regime Militar utilizando-se da mídia chilena e brasileira para que seus projetos políticos fossem instaurados na região. O objetivo secundário é estudar o papel da mídia nesse período e suas estratégias de atuação, qual o interesse da mídia em contribuir com esse novo regime, e como foi apresentado e recebido pela população através do jornalismo e do cinema.

METODOLOGIA

Para a execução dos objetivos traçados, o trabalho conta com a utilização de diversas fontes, tais como: livros, para assuntos sobre a mídia utilizarei como referências Noam Chomsky, Marilena Chauí, para explicar o contexto da Guerra Fria e o motivo de os Estados Unidos criarem interesse na região latino-americana, o autor do livro “A Era dos Extremos” de Eric Hobsbawm, periódicos acadêmicos, imprensa e sites especializados que documentam como foi a reação da opinião pública sob influência dessa mídia. A análise se dá através de documentos oficiais do Estado brasileiro e chileno, e sobre a atuação desses países na ditadura, com números exatos da quantidade de mortos, desaparecidos e exilados como consequência da oposição ao regime durante o período.

DESENVOLVIMENTO

A presente pesquisa se pautará por uma estrutura dividida em três partes: Na primeira parte, será dedicada a apresentar o papel da mídia na sociedade, especificamente o Cinema e o Jornalismo, como e porque conseguem influenciar um grupo de pessoas a seguirem um padrão, tornando a mídia um estratégico aliado para o governo. Já na segunda parte,

abordaremos a influência de políticas norte-americanas na mídia chilena e brasileira que contribuem para garantir a opinião pública, como o aparelho ideológico do Estado atuou para essa interferência no sistema de telecomunicações. Na terceira e última parte, as consequências ou virtudes do poder da mídia na sociedade e sua contribuição para que o regime fosse aceito e prosseguisse por 21 anos e 40 anos no Brasil e no Chile respectivamente.

RESULTADOS PRELIMINARES

O Jornalismo e o Cinema têm funções muito significativas dentro de uma sociedade. Cabe, porém, dentro de uma perspectiva crítica, ponderar se tal influência é positiva ou negativa. Tal indagação sempre dependerá da posição ideológica a qual o sujeito está associado. No presente projeto, o aparelho ideológico repressivo do Estado nesse período, apropriou-se da mídia para barganhar a opinião pública.

“As opiniões ajuntam-se em grupos: regionais, origens nacionais, raça, religião, posição rural ou urbana, classe ou posição social. Consciente ou inconscientemente, as pessoas tendem a identificar-se com tais grupos (e muitos outros mais específicos: uniões, associações comerciais, sindicatos, clubes esportivos, etc.) e a extrair suas opiniões dessas identificações.” (LANE, E.ROBERT; SEARS O. DAVID, A OPINIÃO PÚBLICA)

O Regime Militar preocupava-se com a preservação dos valores cristãos e os bons costumes, portanto era importante disseminar na mídia qual seria o grupo para qual iria governar. No Brasil e no Chile, a maioria da população era conservadora e católica, se identificando com o novo regime. A importância para os militares em enfatizar a preocupação com essa questão se dava porque os comunistas, os inimigos internos, eram marginalizados pela Igreja antes do golpe militar brasileiro.

“O padre Patrik Peyton, que, sabe-se hoje, era agente da CIA, um especialista em “levantar” as massas católicas contra o “comunismo ateu”, em nome da Virgem Maria. Esse clérigo chegou ao Brasil no fim de 1963 precedido de grande publicidade. Sua recepção incluiu faixas nas ruas, artigos nos jornais e espaço nas emissoras de tevê para promover a famosa Cruzada pelo Rosário da Família [...] O lema da campanha – “a família que reza unida permanece unida” – aparentemente pregava os benefícios da oração para a união familiar. Por trás da

mensagem “anticomunista” (CHIAVENATO JOSÉ. JÚLIO, 1994)

Esse fato aconteceu antes do golpe militar brasileiro, mas revela a importância da opinião pública que, depois desse fato, foi realizada a marcha por “Deus, pátria e família” para manter os valores cristãos, e que depois de 1964 foram os mesmos discursos dos militares para preservação dessa ordem.

Os jornais têm características de neutralidade, sua função como meio de comunicação é repassar a informação ao cidadão que irá acompanhar as ações dos governos em suas políticas sociais, culturais e econômicas, e na mídia, dentre suas ações é permitirem o acompanhamento através de reportagens, entrevistas e noticiários postulando assim sua suposta neutralidade. Mas eles não são neutros, pois os jornais ou telejornais são, em sua maioria, privados. Há um interesse corporativo, seleções de informações a disseminarem. São empresas e pertencem aos grandes capitalistas, que estão alinhados aos interesses do bloco no poder. Nas sociedades capitalistas de modo especial, aos interesses da fração burguesa dominante, o que obviamente possui uma ideologia a qual pontualmente irão apresentar em suas mensagens. Por exemplo, o empresário Chateaubriand no início do regime para impressionar os militares arrecadou três milhões de dólares e entregou ao governo, mas quando soube que o governo de Castello Branco estava financiando uma concorrente da TV Tupi a Rede Globo, o mesmo inicia um ataque aos que eram na época considerados militares brandos e começa a apoiar os militares linha dura.

“Chateaubriand jamais perdoaria o general. Pouco tempo depois, quando ele morreu num acidente aéreo, o jornalista comemorou o fato bebendo champanhe. Mas nunca deixou de apoiar o regime militar, a favor do ministro da Guerra, general Arthur da Costa e Silva, aliás, um desafeto de Castello Branco.” (PILAGALLO, OSCAR. 2012)

Historicamente o legado do jornalismo é informar e explicar de maneira simples, problemas sociais, políticos e econômicos difíceis de entendimento, tornando um veículo estratégico para o Estado e perigoso para a saúde social. Um meio que pode ser usado para conduzir uma ideologia, pois o editor pode interpretar uma notícia da maneira que ele considerar mais apropriada. Alguns

regimes políticos, quando percebem que precisam mudar a opinião pública a respeito de suas ações, usam desse veículo para se promoverem através de propagandas políticas e notas de editoriais que enaltecem o seu governo.

No Chile, o jornal “El mercúrio” era o único grande jornal no país que foi permitido continuar com as suas funções, pois era “pró” – governo. Os que eram contrários ao regime, os jornais eram fechados e os jornalistas presos, torturados e assassinados, assim como no jornalismo do Brasil. Um grande jornal chileno de grande repercussão no país, “Clarín”, era oposição ao regime militar, denunciavam práticas que feriam os princípios dos direitos humanos no governo Pinochet, não durou muito, o jornal foi fechado.

Outro recurso utilizado nas ditaduras latino-americanas foi o cinema. Os filmes permitidos sempre exaltavam o que os países tinham de melhor, era proibido retratar a verdadeira realidade do país. Criou-se um sentimento de nacionalismo e defesa daquele “status quo”, daquele regime onde não havia violência, droga, corrupção, a mídia enfatizava que não existia, o cinema vendia e a população comprava.

No caso brasileiro, vale destacar o filme “Terra em Transe” de Glauber Rocha onde ele retratou a favela, a desigualdade que existia e existe no Brasil, mas o filme foi censurado, e foi alegado que o cineasta estava com intenção de sujar a imagem do Brasil, diferente da imagem que o regime queria passar. No Chile grandes documentários foram feitos fora do país por exilados como o famoso “Batalha do Chile” dividido em três partes, mas o valor do cinema no Chile foi de oposição, pois no auge do novo cinema chileno, orientado pela Universidade do Chile (forte opositora do governo Pinochet), influenciados pelo neo-realismo com preferências documentais, inspirados pelo governo socialista do Salvador Allende, dado o golpe muitos cineastas se exilaram, pois seriam cassados, uns torturados e mortos. (Agência Télam, 20/10/2016, 01h34).

Com medo do avanço da União Soviética que já encontrava limitação para sua expansão, pois a mesma se encontrava na defensiva por saber que não haviam mais recursos tecnológicos para competir, no entanto, apresentava estar melhor do que os Estados Unidos. Os governos soviéticos mesmo denunciando o governo norte-americano não precisavam ganhar votos no

congresso, portanto não davam satisfações de suas ações para os seus inimigos e aliados, o governo americano era o contrário, a preservação da democracia e de um Estado liberal era fundamental, portanto seguiam as regras dadas pelo congresso americano. Os países do Ocidente questionavam se poderiam confiar na capacidade americana em defendê-los de um possível ataque soviético, e fragilizando a democracia e rompendo com o Estado liberal, por isso era importante para os Estados Unidos transmitir a mensagem do “anticomunismo”, a defesa da democracia, para saberem que estavam lutando a favor os países ocidentais, e como Hobsbawm menciona: “Que se nem a própria América estava segura, como os EUA poderia ser liderança mundial?”. Portanto, foi importante financiar a segurança pública para países da América Latina e garantir ao menos, a ordem no continente americano para transmitir confiança dos seus aliados. Os países periféricos por sua vez, precisando de investimento estrangeiro, se alinharam aos ideais americanos para seguirem com o plano de liberalismo no Chile de Pinochet, e prosperar a economia brasileira que estava em declínio com altas inflações e dívidas externas causadas pelo antigo modelo político de Juscelino Kubitschek e o Governo Goulart, que não conseguiu mudanças sociais por falta de apoio político.

Todo esse processo foi seguido de acordo com as políticas macarthistas que nos Estados Unidos nos anos de 1950 houve a maior manipulação anticomunista, um verdadeiro “Caça às Bruxas”, como ficou conhecida essa política. Abriam-se interrogatórios, torturas e pagamentos para quem denuncia-se quem estaria tendo práticas subversivas. Um verdadeiro “Big Brother” de George Orwell, o tempo todo pessoas eram vigiadas, num Estado policial, isso ocorreu primeiro nos Estados Unidos, e posteriormente no Brasil e no Chile.

BIBLIOGRAFIA

TOTA, Pedro Antonio. **O Imperialismo Sedutor** - A americanização do Brasil na época da Segunda Guerra. São Paulo. Companhia das Letras, 2000.

CAMARGO, Faria Júlia. **Mídia e Relações internacionais** – Lições da Invasão do Iraque em 2003. Curitiba: Juruá, 2009.

CHAUÍ, Marilena. **Simulacro e Poder** – Uma análise da mídia. Perseu Abramo, 2006.

HOBBSAWM, Eric. J. **Era dos Extremos** – O breve século XX 1914-199. Companhia das Letras, 2008.

Lane, Robert. E.; Sears, David. O. **A opinião Pública**. Zahar, 1966.

PILAGALLO, Oscar. **História da Imprensa Paulista**– Jornalismo e poder de D. Pedro I a Dilma. São Paulo: Três Estrelas, 2012.

Chomsky, Noam. **Mídia - Propaganda Política e Manipulação**. WMF Martins Fontes, 2013.

CHIAVENATO, JOSÉ. JÚLIO. **O Golpe de 64 e a Ditadura Militar**. Moderna, 1994.